

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: Pensamento Social Brasileiro

Título do Trabalho O sertão do Piauí na produção intelectual dos viajantes:
contribuição para o pensamento brasileiro.

Autora: Ana Maria Bezerra do Nascimento. Doutorado em Ciências Sociais/PUCSP.
Bolsista CNPq. hanabela2005@hotmail.com.

RESUMO - A produção intelectual sobre o Brasil e o sertão é vasta e diversificada. Os estudiosos utilizam textos, gravuras, desenhos, pinturas, roteiros, mapas e guias produzidos pelos viajantes, pois esse material contém um manancial de informações sobre o Brasil e o sertão, fato que ainda inspira os interpretes do pensamento brasileiro sobre a formação da sociedade brasileira. No Piauí, identificamos, no percurso da pesquisa do doutorado, uma série de viagens que também foi empreendida pelo sertão do Piauí, coordenadas por homens cultivados que transitaram nesse território com diferentes finalidades tais como: bandeirar, administrar, fundar paróquias e realizar pesquisas científica e filosóficas. Viagens que produziram mapas, roteiros, relatórios e memórias sobre o Piauí, e que é pouco conhecida e ainda não teve o devido tratamento analítico. Neste sentido, o estudo aqui proposto objetiva *analisar, preliminarmente, o sertão do Piauí na produção intelectual dos viajantes e as possibilidades de contribuição do ponto de vista temático, teórico e metodológico para o pensamento brasileiro*. A abordagem teórica e metodológica tem em Bourdieu (2015) a produção intelectual de um tipo específico, correlata a uma categoria social de uma época, de uma data sociedade, que adotou um modelo de pensamento, um estilo de ordenar toda uma experiência e expectativas sociais do sertão do Piauí no pensamento brasileiro. *Enfim*, analisar a produção dos viajantes que aqui aportaram, com os mais diversos objetivos, é associar-se a uma vasta rede de sentidos e significados sobre o sertão e o Brasil que, no Piauí, *ainda esta por ser feita*.

Introdução

Assim como o Brasil, o sertão dos viajantes é estudado¹ de forma vasta e diversificada, comportando temáticas e referencias teóricas metodológicas multifacetadas e reconhecidamente, um manancial de informações sobre o Brasil e o sertão para os interpretes do pensamento brasileiro. A literatura estudada afirma que em decorrência das constantes viagens eram empreendidas sejam por razões de Estado, missões diplomáticas, religiosas, comerciais, marítimas. As viagens eram feita por andarilhos, escritores, empreendedores individuais e estudiosos, e passaram a integrar, nas narrativas, a descrição das paisagens, dos povos e costumes. É essa produção intelectual que subsidiou e continua a subsidiar os estudiosos no conhecimento da formação da sociedade brasileira. Temática que, segundo Holanda, é “uma vontade de começar de novo, uma nostálgica ambição de reviver a beatitude e exaltação criadora das origens, em suma, uma saudade” (HOLANDA, 2010, p. 20).

Para Oliveira Filho (1978) a produção intelectual dos viajantes é o somatório de fatos colhidos por diferentes observadores em datas e locais diferentes; que ela está localizada em um eixo abrangente tempo e espaço; que o material fala sobre aquilo

¹ Veja-se o interessante estudo a esse respeito: Oliveira Filho (1978); Belluzo (1996); Pereira (2001); Holanda (2010); França (2012);

que está sendo observado, identificando as situações sociais concretas, possibilitando “uma reflexão do pesquisador sobre o objeto de pesquisa” (OLIVEIRA FILHO, 1978, p. 87-88).

Para o estudo aqui proposto, a *produção intelectual dos viajantes*, aqui entendida como correlata a uma categoria social de uma época, de uma dada sociedade, que adotou um modelo de pensamento, um estilo de ordenar toda uma experiência. Homens cultivados que transitavam pelo Brasil motivado por diferentes finalidades tais como: desbravar, conquistar a exemplo dos bandeirantes; dos cientistas e filósofos que coletavam materiais para museus e laboratórios na Europa; dos viajantes administradores do reino que visitavam as províncias a fim de conhecer problemas e indicar soluções; dos missionários de ordens religiosas que fundavam novas paróquias.

Viajantes que aportaram no sertão do Piauí e produziram um material ainda pouco conhecido. Nesta perspectiva, nosso objetivo é analisar, preliminarmente, o sertão do Piauí na produção dos intelectuais dos viajantes e as possibilidades de sua contribuição do ponto de vista temático, teórico e metodológico para o pensamento brasileiro.

Para empreender a abordagem, os dados aqui apresentados foram levantados no percurso da pesquisa do doutorado, e está assim constituída: *o corpus documental primário*, de farto e rico material manuscrito e iconográfico relativo aos séculos XVIII e XIX, e disponível por meio digital: no site do Arquivo da Biblioteca Nacional e Luso brasileiro - mapas, relatórios, desenhos, gravuras, jornais; site do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; site do Arquivo Histórico Ultramarino "caixas" (indo de 1705 a 1831) contendo exclusivamente documentação relativa ao Piauí; outra centena de documentos, dispersos nas "caixas" da Capitania do Grão-Pará e Maranhão e isso sem falar noutro tanto de dados existente nos Códices do Conselho Ultramarino e nos demais Arquivos lusitanos além do Arquivo Público do Estado do Piauí e a Academia Piauiense de Letras. *O corpus documental secundário* está constituído de por um conjunto autores e obras publicados de forma individual ou coletivamente que de forma implícita ou explicitamente publicaram sobre viagens, viajantes, sertão - livros, artigos, material inédito - referentes ao século XVII – XIX. É possível dizer que o corpus traz a marca da originalidade, e contêm indicações acerca do modo com que o viajante pensou o seu empreendimento em forma de mapa, roteiro, guia, memória, desenho entre outros materiais. Um desafio, dada tamanha multiplicidade de aspectos que é capaz de prestar-se a interessantes e sugestivas interpretações e as

possibilidades no pensamento brasileiro “nas várias dimensões desse processo (...) nas diferentes modalidades de produtores e de produção intelectual” (BOTELHO; SCHWARCZ, 2011. P 12.). O tema não constitui como é sabido, assunto inédito, mas no Piauí, ainda é pouco conhecida, pois, o papel do pesquisador é buscar versões o que significa,

(...) entre outros, condição para que se possa aperfeiçoar e até mesmo completar movimentos analíticos próprios. Antes centrado quase exclusivamente na pesquisa dos processos de constituição social das ideias, das artes ou da *intelligentsia*, interessa também especificar como estas, levando em conta as relações mais ou menos condicionadas que mantêm com os grupos sociais e as sociedades que as engendram, participam reflexivamente da construção do próprio social. (BOTELHO; SCHWARCZ, 2011, p. 13)

Enfim, analisar o sertão do Piauí dos viajantes que aqui aportaram, com os mais diversos objetivos, é associar-se a uma vasta rede de sentidos e significados sobre o sertão e o Brasil que, no Piauí, *ainda esta por ser feita*.

O Sertão do Piauí na produção intelectual piauiense: um conceito em debate.

O Sertão é uma categoria de reflexão vital e tão relevante para o entendimento sobre o Brasil, que está sempre na ordem do dia até hoje “desconhecido, ainda o será por muito tempo. O que se segue são vagas conjecturas” (CUNHA, 2011, p.58). É uma “fantasia de cartografo” (CUNHA, 2011, p. 36), ligam-se e completam-se. *Mas de qual sertão do Piauí estão falando?* A produção intelectual piauiense assim como a produção intelectual brasileira é composta principalmente de estudos historiográficos, voltados basicamente para a formação da sociedade, desde os primórdios, nos aspectos físicos, social, étnicos. Nesta produção, que é vasta e diversificada, encontramos as expressões associadas ao Piauí como sertão, *sertão de dentro, sertão de rodela, norte, nordeste produzidas por numerosas testemunhas tais como o observador cuidadoso, o viajante pasmo, o viandante, desenhistas ilustres, pioneiros da ciência, sertanejos, vaqueiros, jesuítas, bandeirantes.*

Das obras consultadas, registramos como fundantes, Alencastre (1857)² e Pereira da Costa³ (1909), pois se tornaram referencia para outros estudos conforme Brandão (2015) que foram se consolidando no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Época em que uma nova geração se fixou no Estado construiu

² **Jose Martins Pereira de Alencastre.** Baiano. Historiador, geografo, jornalista um homem do império ocupou vários cargos no Piauí. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

³ **Francisco Augusto Pereira da Costa.** Pernambucano, historiador, jornalista. Ocupou cargo no piauí. Sua obra é amplamente citada na literatura brasileira, fonte primeira de *Macunaíma de Mario de Andrade*.

uma forma de pensar que possibilitou estabelecer os parâmetros de fundamentação da historiografia e da literatura piauiense, inclusive dos séculos subsequentes. Foi a geração da *belle époque* em Teresina, homens cultivados que partilhavam certo “espírito” Literário e Científico “(BOURDIEU, 2015, p. 207). Portadores de uma distinção, egressos da Faculdade de Direito do Recife ou da Faculdade de Medicina da Bahia, revolucionaram o ambiente intelectual da época que resultou na participação ativa na criação da Academia Piauiense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense, do Arquivo Público do Estado, da Sociedade Auxiliadora da Instrução Pública, além de criação do Museu, de Jornais, grêmios, clubes e revistas literárias⁴.

Na produção intelectual piauiense o sertão é espaço é um lugar de penúria e beleza, retratada pelos viajantes que por lá se aventuraram, pelos religiosos que lá se estabeleceram, pelos escritores locais que procuram registrar um imaginário sobre o sertão e seus personagens dos primórdios do povoamento, dos desbravadores do território do Piauí, dos indígenas, das lutas pela independência com destaque para a batalha do jenipapo⁵ mas também da pouca expressão geográfica e “não tinha fronteiras ainda delimitadas” (NUNES, 2007, p. 112). Área de chuva torrencial e seca. Da abundância de cajus, buriti, pequis, puçás, araçás “um vale fértil (...) um pomar vastíssimo, sem dono” (CUNHA, 2011, p. 86).

Nunes (2007) afirma que no século XVII já era intensa a fundação de currais. Curral e curralinhos são nomes que, com maior abundância, ocorrem na geografia do Brasil, ora isolados, ora acompanhados de grande número de atributos. “Curral alto, curral de dentro, curral de fora, curral falso, curral das pedras, curral de cima, curral novo, curral velho, etc. Um nunca acabar, por todo país”. (TAUNAY, 1930, p. 281).

Na formação brasileira, alerta Oliveira Vianna (2010, p. 145), o pastoreio é o antecedente obrigatório da agricultura e o sertanista povoador, aonde vai passando, deixa, como prova de sua passagem e sinal da sua posse, um curral que “é o meio mais rápido de conquista e povoamento” (OLIVEIRA VIANNA, 2010, p. 145). Depois “do curral, vem a fazenda, o engenho, o arraial, a povoação, a vila” com o objetivo de “reunir os moradores dispersos” pelos latifúndios. (OLIVEIRA VIANNA, 2010, p.146).

⁴ Segundo Nascimento (2012) entre 1875 a 1945 foram criadas pelo menos trinta organizações de cunho literário. Todas possuíam um jornal ou revista.

⁵ A exemplo de Clodoaldo Freitas: *História do Piauí* (1904), *Histórias de Teresina* (1911); Higinio Cunha: *A independência do Piauí* (1922); Abdias Neves em *A guerra do Fidié* (1907), *O Piauí na confederação do Equador* (1921).

Onde estava o curral, o litoral estava distante e o comércio mais próximo era o itinerante, próprio do mascate “esses vendedores ambulantes que tanto fizeram pelas civilizações interioranas” (NUNES, 1981, p. 10). Ou o comércio do boiadeiro que ia vender, no longínquo litoral, escravos, pequenas utilidades e gado “que não necessitam de quem os carregue, pois, são eles os que sentem nas longas marchas todo peso dos seus corpos” (NUNES, 2007, p. 122 – 123).

Assim, o sertão do Piauí é “a vastidão deserta” (NUNES, 2007, p. 122). Ou os “perdidos socavões” que Taunay (1928) identifica como “ali se encontrava verdadeiro tipo dos medievais condes das marcas, dos fronteiros da civilização” (TAUNAY, 1945, p. 275). É também o *sertão de dentro* definido por Capistrano de Abreu como uma área do São Francisco até o maranhão, está em relação aos *sertões de fora*, que se estende da Paraíba até o Ceará, em todo caso conclui Abreu “as semelhanças entre os moradores de ambos os sertões avultam mais que entre quaisquer outros habitantes do Brasil” (ABREU, 1982).

É uma área que igualmente compreende o *sertão de Rodelas*. Área de “rios, terras férteis de boa água e clima muito saudável, própria à criação e sustento de gado” (TAUNAY, 1945, p. 268), gado que na segunda metade do século XVII, já “abraçava o sertão!” (NUNES, 2007, p. 99). O boi, como alimento, não tem sucedâneo. Meio de transporte, dele se aproveita tudo, o couro de aplicação para diversos fins, portas, tamboretas, camas, surrão, selas, alforje, peias, nas mochilas para depósito de água, no gibão, nos arreios, nas portas, nos calçados. Sertão do *couro* e do vaqueiro⁶ que no sertão que o rodeia, adapta-se “Ela o talhou à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto. Assim, todo sertanejo é vaqueiro” (CUNHA, 2011, p. 62).

Sertão dos rios como passagem, caminho, roteiro, entrada. A viagem era realizada ao sabor das águas em simples canoas ou botes, seguindo o curso do rio, alcançavam afluentes e demais tributários. Via de penetração se generalizou com o pequeno comércio. Assim, o Rio São Francisco e o Rio Paraíba disputarão o papel de importância na região.⁷ Nos documentos consultados, os dois rios estão nos mapas, cartas náuticas, roteiros, ofícios, requerimento, relatórios, crônicas, desenhos e demais

⁶O vaqueiro está na gravura de Ferdinand Denis com o título “Sertanejo in Piauhy”. Publicado em Paris (1846). Arquivo Luso Brasileiro. Ainda desconhecida pela intelectualidade piauiense.

⁷ Para Taunay (1936) Gabriel Soares (1587) se refere ao *Rio Grande dos Tapuyas*; Diogo de Campos Moreno chamou *Pará* em 1614; Bento Maciel Parente, *Paroçu* em 1626; Fr. Vicente do Salvador *Punaré* e o Padre Antônio Vieira *Paraguaçu* (...) e também se encontra nos mapas seiscentistas (...). Diz Candido Mendes de Almeida que também foi o Parnahyba chamado *Rio das Garças* (TAUNAY, 1936, p. 332).

documentos sobre a região. Com descrição de suas águas, inundações, navegações, embarcação, fauna, flora, cidade, vilas, as populações ribeirinhas, seus hábitos, seus costumes e fronteiras.

É o sertão que em épocas diversas e pontos apartados, vai formando um itinerário para interior em oposição ao litoral. Ao tornar-se o “caminho predileto dos sertanistas” (CUNHA, 2011, p.128), missionário, administradores, bandeirantes, cientistas e filósofos seguiram, percorreram a região fazendo anotações, tirando suas conclusões e registrando suas experiências.

Um viajante religioso na fundação da paróquia do sertão do Piauí.

Dentre a muitas viagens missionárias pelo sertão, o relato do Padre Miguel de Carvalho “Descrição do sertão do Piauí”⁸, escrito em 1697 é de fundamental importância para compreensão sobre o sertão do Piauí. Resultado de sua peregrinação, a viagem foi feita por toda bacia oriental do Parnaíba. O relato representa para Taunay (1936) um “minucioso recenseamento da sua Paróquia a que acompanham uma série de notas, com muitos pormenores de ordem geográfica, distribuição do povoamento” (TAUNAY, 1946, p. 272), seus rios correntes, riachos, riachinhos, olhos d’água, lagoas, fazendas de gados e também os moradores “brancos, negros, índios, mulatos e mestiços”, adiante o “arraial de paulistas, com muitos tapuias cristãos” (TAUNAY, 1946, p. 272).

O objetivo da viagem, na época, era entre elas a de evangelizar os sertões “onde havia tanta falta de Igrejas e Párocos” (TAUNAY, 1946, p. 272). Para reverter esse quadro desgarrado, a diocese decidiu fundar novas paróquias sertanejas, para isso designou que o padre percorresse o sertão, missão que cumpriu com “mais de seis meses, peregrinando de fazenda em fazenda” (TAUNAY, 1945, p. 268).

Foi assim que no sertão do Piauí, e visando o “bem de suas ovelhas”, funda uma nova paróquia, a Nova Freguesia e Igreja de Nossa Senhora do Piauí, no Brejo da Mocha “um templo modesto” de taipa e coberto de folhas do qual, o padre Miguel de Carvalho não descuidou cumprindo “todas as exigências do ritual católico” (TAUNAY, 1945, p. 272). Em seguida, a Capelinha passa a ser Igreja e Mocha passa

⁸O documento foi resgatado por Ernesto Ennes em 1938 em *A Guerra dos Palmares*. Transcrito pelo Pe. Claudio Melo, publicada em 1993 pelo Instituto Histórico e Geográfico Piauiense. Em 2010 foi publicado pela Academia Piauiense de Letras e Fundação Cultural do Piauí.

de Povoados a Vila cobrindo assim “toda a área territorial da Freguesia do Sertão do Piauí” (NUNES, 1981, p. 12). O missionário já visitava a província quando não havia caminhos. Segundo relato, transpunha serra, o rio Parnaíba, bifurcando caminhos, passava próximo a aldeias, seguindo trilhas conhecidas pelos indígenas em suas contínuas andanças, tudo isso serviu de roteiro para o viajante retornar ao local. A iniciativa de novas paróquias era organizar a população dispersa em torno das freguesias recém-formadas, tornando-as centros atrativos, para o pouso dos viajantes, oferecendo ainda que precariamente, mantimentos e assistência. Com a fundação da paróquia, nasceria a Vila da Mocha, depois Oeiras capital da província.

As viagens de desbravamento ou "bandeirar não é fábula"⁹

Para a abordagem, selecionados os autores e obras do pensamento brasileiro que de forma implícita ou explicitamente elaboraram reflexões sobre bandeiras, bandeirantes e o sertão do Piauí.¹⁰ Assim, encontramos entre 1870 a 1945, período “perturbadíssimo por crises sociais, econômicas e políticas da maior relevância” (OLIVEIRA VIANNA, 2010, p. 56), obras¹¹ de estudiosos “apaixonados pelas cousas de cultura e especialmente pelas que tocam a S. Paulo e ao Brasil” (TAUNAY, 1957, p. 07) que retiram da “poeira do nosso passado os germes das nossas ideias atuais” (OLIVEIRA VIANNA, 2010, p. 49): as bandeiras.

Para Cassiano Ricardo (1970) as bandeiras ganham importância por ter seu ponto de envergadura para a formação do Brasil “Quando entra no sertão bruto a primeira bandeira, cessa a história de Portugal e começa a do Brasil” (CASSIANO RICARDO, 1956, p. 42), pois o sertão possui uma força mágica que arrasta os homens tornando-se um sistema de vida organizado por um chefe supremo, com amplos poderes, senhor da vida e morte, o chefe das tropas, o capitão, equiparado a imagem¹² do comandante capaz de guiar a gente “atraídos para um sertão cheio de promessas” (HOLANDA, 2014, p. 43). São capangas, caneludos, caribocas, cafuzos, pardos, índios, negros, mamelucos, porção que “exerce um papel providencial cujo desempenho seus efeitos é que são as qualidades” (CASSIANO RICARDO, 1956, p. 11).

⁹Expressão de Cassiano Ricardo (1970). Bandeira possui objetivo como conquista, desbravamento, descoberta, entrada, jornada, expedição, movimento.

¹⁰Foram selecionados livros, artigos publicados, artigos de investigação original, material inédito.

¹¹As obras que estão crivadas de forma vasta, diversificado, complexa **implícita ou explicitamente sobre o sertão**, as bandeiras, os bandeirantes em: Euclides da Cunha (1902), Oliveira Vianna (1918), Taunay (1924), Paulo Prado (1929), Cassiano Ricardo (1940) e Holanda (1945).

¹²Completa Taunay (1929, V, Cap. XVI, p. 115), que Alcântara Machado, analisou o bandeirante como modestos lavradores, pequenos mercadores e aventureiros rústicos. Mostrou que se dedicavam à agricultura de subsistência e à captura de índios pelo interior.

“Embora pareça fábula” (CASSIANO RICARDO, 1970, p. 66), a viagem do bandeirante era caminhando. Seguiam-se por terra, varando trilha dos índios, estrada batida, carroçável, toscas pontes. Ao encontrar um rio, improvisavam canoas. Avançavam sobre córregos e riachos. Partiam de madrugada e pousavam no entardecer. Com base em conhecimentos rudimentares, o mapa sertanista de autor anônimo (17?),¹³ contraria a opinião de Cassiano Ricardo (1970) de que a marcha bandeirante se realizava sem roteiro, sem ordem e sem época determinada. Para Holanda (1994), os mapas e textos do século XVII, podem ser elucidativos de algum ponto obscuro de nossa geografia histórica, de singular importância a ser visto dentro “um panorama simbólico” (HOLANDA, 1994, p. 19).

Para Taunay (1928, p. 230) esse viajante, “que no tempo, entre gente tão rude, se preocupava com a chonica das expedições”? o sertão “possui evocações diversas e intensas” (TAUNAY, 1928, p.55). É uma nota de insistência, uma obsessão, “um refrão de cada momento” (TAUNAY, 1928, p.55). Ao sertão, continua Taunay (1928) vão os de São Paulo “encontrar o seu remédio”, “abastecer as suas casas”, “dar nobreza aos seus filhos”, “servir a Sua Majestade”. Ao sertão vão para uma “peregrinação”. Lugar “tão ignota quanto misterioso, cheia de perigos (...), de terras infinitas (...)” (TAUNAY, 1928, p.56). Ao sertão vão as expedições em que a partida e chegada das “armações correspondem às velhas campanhas náuticas, sohidas e retornadas dos mares ignotos” (TAUNAY, 1928, p. 55-56). Iam-se, podia não voltar, se voltavam do sertão recebiam recompensas por narrar à viagem como heroísmo e bravura. A viagem podia durar em media seis, sete e até dezoito anos. Era natural e frequente a morte dos “caminheiros das bandeiras”. (TAUNAY, 1928, p.92). *Enfim*, o viajante das bandeiras dos interpretes do pensamento brasileiro é o arquiteto de um sistema de vida, de uma práxis diária levada às últimas consequências, que irradiou com o andar dos tempos, incrementou as fronteiras, o povoamento, a cidade e deu origem as instituições brasileiras.

As viagens dos administradores: do sertão de rodela à nova hinterland.

Nos arquivos consultados, observamos a existência de uma centena de cartas, ofícios, requerimentos, mapas cartográficos e estatísticos, roteiros e relatórios das autoridades administrativas da época, endereçadas às autoridades imperiais. Versavam sobre a situação da província e solicitavam providências das

¹³ Disponível <http://www.arquivonacional.gov.br/portais-an/58-portal-historia-luso-brasileira.html/ acesso> 06/11/2016

mais diversas ordens. Dentre a diversidade de documentação arrolada por Pereira da Costa (2010) e outras pesquisadas, destacamos: *O Diário de Viagem pela bacia do Longá, Poti e Parnaíba* abordando alguns aspectos não só do território que percorreu, mas informa a propósito do adiantamento das fazendas e povoações de João de Maia da Gama, então Governador do Maranhão.

O Mapa Geográfico da Capitania do Piauí e parte das Adjacentes de 1761, realizado pelo Engenheiro João Antônio Galúcio, que é uma carta em que estão registrados não só os rios, ribeiras, riachos e demais cursos d'águas, como também as fazendas sítios, vilas e povoados desta Capitania;

Igualmente importante é *O Roteiro do Maranhão a Goiás pela Capitania do Piauí*, de autor desconhecido, escrito em 1770, em que descreve vários aspectos do clima, solo, produção do setor agropecuário do Piauí. O texto é amplamente citado e pesquisada por Capistrano de Abreu entre muitos outros.

Outro documento importante, *Memória relativa às Capitânicas do Piauí e Maranhão*, escrita por Francisco Xavier Machado (1810), onde encontramos informações sobre as principais localidades do sertão piauiense, suas distâncias e produções e minuciosas informações a propósito das fazendas da extinta Companhia de Jesus.

A Descrição da Capitania de São José do Piauí, do Ouvidor da dita Capitania, Antônio José de Moraes Durão de 1809 que percorreu o território da Capitania, é para Mott (2010) o documento de maior valor, pois possui informações quantitativas e qualitativas consagradas ao Piauí “sem dúvida a mais completa, interessante e que mais luz traz sobre a vida socioeconômica sertaneja” (MOTT, 2010, p.25).

Outro documento não menos importante é *Mapas Gerais da população da capitania de S. José do Piauí e das Forças Militares*, do administrador colonial Carlos Cesar Burlamaque, que com métodos objetivos e práticos promoveu “melhoramentos na capitania” (NUNES, 2007, (1), p. 195), organização das finanças, construção da casa da câmara de Oeiras, mercado público, abriu novas estradas e caminhos.

Essa produção intelectual era endereçada as autoridades imperiais como D. Rodrigo de Sousa Coutinho da Casa Literária Arco do Cego¹⁴ e visava comunicar a

¹⁴Para saber mais sobre a Oficina da Casa Literária do Arco do Cego, depois chamada Tipografia Calcográfica e Literária do Arco do Cego, e finalmente Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego, aconselha-se a consulta da obra editada pela Biblioteca Nacional e pela Imprensa

vida na província. Muitas dos documentos solicitavam a mudança da capital. Mas onde seria a nova capital da província? Interior ou litoral? Era fato que devia estar em local onde os viajantes desfrutassem de comunicação com toda a província, principalmente com os pontos de maior comércio e com províncias vizinhas, acesso fluvial e por terra abreviando as distâncias. Os defensores da capital no litoral argumentavam que localização ideal era entre o Rio Parnaíba e o mar.

Para por fim à polêmica secular, o então presidente da província, na época, Antônio Conselheiro Saraiva, empreendeu “penosa viagem até a vila do Poty” (FREITAS, 1988, p. 13). Encontrando ali o local ideal, mandou imediatamente construir “a cidade e capital por nome Teresina” (PEREIRA DA COSTA, 2010, p. 355). Por seis meses ficou na região deixando tudo encaminhado, com a planta de rígido traçado em xadrez, Saraiva retornou a Oeiras apresentando relatório pormenorizado do local, topografia, recursos, habitantes, comércio e as medidas imediatas para transferência.

Com a decisão de Saraiva, a capital da província continuaria no interior, agora fincada à beira do rio Parnaíba, num estabelecimento único e excepcional. Assim, com a visão estratégica e atrevimento, Saraiva foi como nos ensina Cassiano Ricardo (1970, p. 652) um bandeirante em sentido amplo, ou seja, um desbravador, conquistador, pioneiro, sertanista, empreendedor, pois todo aquele “que abre uma estrada ou funda uma cidade” (CASSIANO RICARDO, 1970, p. 652) é um bandeirante.

Portanto, os relatos de viagem sobre o Piauí são numerosos, abundantes, e ainda pouco conhecido. É uma produção intelectual que tende a “possuir um lastro de cultura intelectual, deveras notável para esse tempo” (OLIVEIRA VIANNA, 2010, p. 88) de homens cultivados, intelectuais profissionais da alta oficialidade “dos quadros burocráticos do governo geral e da gestão das capitanias de primeira e segunda ordem” (OLIVEIRA VIANNA, 2010, p. 86).

As viagens científicas, filosóficas e o sertão “ao vivo”.

Conforme o corpus estudado, as viagens científicas pelo sertão ocorreram em diferentes tempos e espaços. Conhecer “ao vivo”, quem era esse “outro” exerceu sobre os cientistas e filósofos europeus e depois brasileiros, um fascínio, “correlato à glorificação do escritor e de sua missão semiprofética,” (BOURDIEU, 2005, p.104).

A presença desse tipo de viajante se inicia pelo século XVI, com maior circulação no século XIX. Segundo a literatura consultada a organização de tais excursões exigia meses de preparo com: definição do itinerário, organização do material científico, provisões, ajudantes, cartas de recomendações do governo brasileiro e autoridades locais das regiões visitadas. Em suma, o objetivo era o desenvolvimento científico e cultural, mas também, a promoção do conhecimento das potencialidades das regiões visitadas.

Normalmente as viagens eram marcadas por contemplações e observações da natureza. Durante a caminhada, no exercício de observações, foram feitas as coletas botânicas, zoológicas, econômicas, etnográficas, políticas, sociais, geográficas e históricas. Por outro lado, os viajantes relatavam as situações difíceis e inusitadas pelas quais passavam: doenças, travessias de rios perigosos, picadas de animais e insetos, confrontos com índios, chuvas torrenciais e secas.

Pereira da Costa (2010) registra as passagens do viajante inglês Henry Koster em 1811; de Spix & Martius em 1818, que no sertão do Piauí encontrou “ali uma vida perfeitamente patriarcal, nas residências urbanas, domina, segundo ele, a mais absoluta ausência de conforto e luxo”. (OLIVEIRA VIANNA, 2010, p. 79),

George Gardner que explorou o território piauiense em 1839, sua passagem foi registrada por Alfredo Carvalho em ensaio publicado na Revista Litericultura de 1913, intitulado “Uma Viagem no Piauí de 1839”.

Podemos encontrar, nos relatos, impressões sobre o sertão a exemplo de “Impressões de Viagem”, escrita em estilo epistolar por Franz Steindachener, diretor do Museu de Viena, que chefiou expedição científica enviada ao Brasil em 1903 pela Imperial Academia de Ciências da Áustria. A equipe iniciou sua expedição por Parnaguá (Piauí) onde foi hóspede do Juiz Municipal, “cuja hospitalidade tudo dispusera para generoso acolhimento” (NUNES, 1981, p. 128). A expedição esteve em Teresina e Parnaíba e conceitua a população de Parnaguá “como indolentes, incapazes, estafetas montadas a cavalo ou a pé, a conduzir malas postais para o litoral longínquo” (NUNES, 1981, p. 130).

Da mesma forma, brasileiros visitaram o sertão do Piauí e produziram trabalhos de igual teor. No estudo de Pereira (2012), o Maranhão, o Piauí e o Ceará ocuparam as preocupações de José Teles da Silva, governador do Ceará, que em 1784, patrocinou, por exigência da coroa portuguesa, a “primeira viagem de cunho iluminista pela Caatinga” com o naturalista Vicente Jorge Dias Cabral, “cientistas a serviço da Coroa, que descreveu, nomeou e definiram as várias partes do império”

(PEREIRA, 2012, p. 115), o que resultou na publicação do “*Ensaio botânico de algumas plantas da parte inferior do Piauí*”.

Pereira (2012) ao estudar a viagem filosófica pelo sertão, entre 1799 a 1801, destaca a participação do Padre e desenhista Joaquim José Pereira, então vigário em Valença (Piauí) e o “primeiro a estudar as secas do Nordeste” (PEREIRA, 2012, p.144), mesmo ocupado com a pesquisa sobre o salitre, “o olhar do religioso deteve-se por diversas vezes nas paisagens regionais” (PEREIRA, 2012, p. 144).

Para Pereira (2012), o Padre Joaquim José Pereira foi bastante modesto, afinal, como “um ilustrador”, possibilitou à obra de Cabral tornar-se “um aspecto mais acabado” (PEREIRA, 2012, p.144). Contudo, todas as obras aqui preliminarmente listadas são de fundamental importância para conhecimento do sertão e do sertão do Piauí, mas ainda não conhecida. Obras que pouco se sabe sobre sua produção, produtores e consumidores.

Similarmente, intelectuais piauienses produziram materiais naturalistas a exemplo de Leonardo de Nossa Senhora Castelo Branco que escreveu *A memória acerca das abelhas da província do Piauí, no Império do Brasil*, publicada na Revista Auxiliadora da Indústria Nacional em 1844 e de David Moreira Caldas, jornalista, poeta, crítico literário, geógrafo e historiador deixou o *Relatório da viagem feita de Teresina à cidade da Parnaíba e Planta Topográfica do Rio Parnaíba* as duas de 1867.

Considerações finais.

Assim, em função dos aspectos aqui apresentados como relevantes, cabe agora fornecer uma visão geral e do conjunto da produção intelectual dos viajantes que de modo simplificado, podemos apontar como resultados obtidos *preliminarmente as seguintes reflexões*: em vários momentos as viagens parecem remeter uns os outros, sugerindo conexões e interações, mas também acidentes e oposição.

O perfil/classificação dos viajantes/viagens possui em geral uma posição consagrada no mercado de bens simbólicos como de “chefes” de tais viagens. As viagens são compostas obrigatoriamente por um conjunto de especialistas, designados em relação aos fins da viagem. Era comum a prática de recompensas e honorárias – intelectual, econômica, social, cultural. As viagens podiam ser individuais e/ou coletivas com percursos e períodos relativamente extensos e predominava o geográfico.

Em conjunto as viagens e a produção que as conduziram, é numerosa, diversificada, plural e ainda pouco conhecida nos estudos sobre o Piauí. Missionários, bandeirantes, administradores, cientistas e filósofos brasileiros e estrangeiros produziram desenhos, gravuras, mapas, descrições, relatos, crônicas entre outros registros. Testemunhos dos mais diversos tipos de todo o período e em diferentes tempos e lugares. Estilos que se juntam e se conciliam para produzir interpretações, questionamentos e revisões propiciando discussões e debates, enfim, reavaliando a formação da sociedade brasileira e piauiense à luz de novas interpretações.

Se o sertão foi observado e descrito “*ao vivo*” ou *dos gabinetes*, o fez com erudição, epopeia, odisseia, drama, trama, tragédia, saga. Produção intelectual no sentido de “uma glorificação do escritor e de sua missão” (BOURDIEU, 2015, p. 104). Nestas condições, é possível dizer que a produção intelectual dos viajantes possui uma originalidade, e contém indicações acerca do modo que os produtores pensaram seu empreendimento “daquilo que os distinguiu, em seu entender, de seus contemporâneos e de seus antecessores”. (BOURDIEU, 2015, p. 112). Ao analisar esta produção ainda que preliminarmente, é associar-se a uma vasta rede de sentidos e significados sobre o sertão e o Brasil que, no Piauí, *ainda esta por ser feita*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de historia colonial (1500 – 1800)**. Os Caminhos antigos e o povoamento do Brasil. Brasília: UNB, 1982.
- ALENCASTRE, Jose Martins P. **Memoria cronológica histórica e corográfica da província do Piauí**. 4ªed. Teresina: APL, 2015 (Coleção Centenário).
- BELUZZO, Ana Maria de M. **O Brasil dos Viajantes**. São Paulo: Meta Livros, Fundação Odebrecht, 1994.
- BRAGANÇA, Anibal; Márcia ABREU. **Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: UNESP, 2010.
- BRANDÃO, Wilson. Introdução in ALENCASTRE, Jose Martins P. **Memoria cronológica histórica e corográfica da província do Piauí**. 4ªed. Teresina: APL, 2015 (Coleção Centenário).
- BOTELHO; SCHWARCZ. Pensamento social brasileiro, um campo vasto ganhando forma. *Lua Nova*, São Paulo, 82: 11-16, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005(Coleção estudos).

CARVALHO, Alfredo de. Uma viagem ao Piauí em 1839 in **Litericultura**. Revista Mensal. Anno II, fasc. 03, Imprensa Oficial, 1913.

_____. Através do Piauí in **Revista IGHP**. Edição Commemorativa do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. Tomo II, Teresina: Typografia do Piauí, 1922.

CARVALHO, Miguel. **Descrição do Sertão do Piauí** (Comentários e notas do Pe. Claudio Melo). Teresina: IHGPI, 1993.

CASSIANO RICARDO. **Marcha para o Oeste**. A influência da “Bandeira” na formação social e política brasileira. Quarta edição ilustrada. (inteiramente revista e acrescida de dois novos capítulos). Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1970.

_____. **Pequeno ensaio de Bandeirologia**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional Serviço de Documentação: MEC, 1956 (Cadernos de Cultura)

COSTA, F.A. Pereira. **Cronologia Histórica do Estado Piauí**. 2ªed. Teresina: APL, FUNDAC, DETRAN, 2010.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões** (Campanha de Canudos). 4ª ed., São Paulo: Martim Claret, 2011(Coleção a obra - prima de cada autor);

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de Viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. São Paulo: Ed. José Olímpio; UNESP, 2012.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Visão do paraíso**. São Paulo: Brasiliense/publicafolha, 2009

_____. **Moções e capítulos da expansão paulista**. 4ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MOT, Luiz. Descrição da Capitania de São José do Piauí in **Piauí Colonial: população, economia e sociedade**. 2ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2010 (Coleção grandes textos).

NASCIMENTO, Ana Maria Bezerra do. Literatura e imprensa na Teresina de 1875 a 1945. In **Anais I Simpósio Nacional de Crítica Genética e Arquivologia** “Criação literária e preservação documental”. Teresina: Piauí, Universidade Estadual do Piauí. v. 01, p. 45, 2012.

NUNES, Odilon. **Pesquisa para a História do Piauí**. Teresina: FUNDAPI: FMMC, 2007. Vol. I

_____. **Depoimentos históricos**. Teresina: COMEPI, 1981

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. Elementos para uma sociologia dos Viajantes. Rio de Janeiro:UFRJ, 1978, p. 86 in **www. aredigitalinternet.com.br/** acesso 07/11/2016).

PEREIRA, Magnus , R. Mello. O conhecimento científico da caatinga no século XVIII in Kury, L. (org.). **Sertões adentro**: viagens nas caatingas, séculos XVI a XIX. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estudio, 2012.

TAUNAY, Affonso de E. Expedições contra os índios do sertão baiano – O apossamento do Piauí. Capítulo II – Devassa e povoamento do Piauí. – A preeminência disputa de Domingos Jorge Velho. – Documento indiscutível em favor do bandeirante de Parnaíba. Controvérsia dirimida in **História das Bandeiras Paulistas**. (1651 – 1683). São Paulo, Typ. Ideal, 1928 (Tomo IV).

_____ O papel de Domingos Jorge Velho na conquista do Nordeste. – Acepção improvável da palavra estância – Commentarios de Basílio de Magalhães. – Valioso documento por ele descoberto. – Concordâncias e divergências de pontos de vistas in **História das Bandeiras Paulistas**. São Paulo, Typ. Ideal, 1930 (Tomo VI).

_____ As condições do povoamento no Piauí em fins do século XVII. Projetos do Bispo de Olinda para a fundação de uma paróquia no centro do Piauí. O relato precioso do licenciado Padre Miguel de Carvalho. A presença dos paulistas. O arraial de Francisco Dias d'Ávila in **História das Bandeiras Paulistas**. São Paulo, Imprensa Official, 1946 (Tomo VIII)

VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil**. 2ª reimpressão. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.